Uma célula alemã na Colônia Porto Novo: a Linha Presidente Becker (1934)

MAIKEL GUSTAVO SCHNEIDER*

Resumo: O presente estudo trata da formação de um núcleo étnico com imigrantes alemães no Oeste de Santa Catarina, na década de 1930. Teoricamente, aborda-se o tema na perspectiva da história regional, que, a partir de um ângulo que evidencia o específico, nos possibilita o entendimento de particularidades, contradições e semelhanças da região estudada, além de um novo olhar sobre os estudos de cunho nacional. Posteriormente, o trabalho contextualiza a implantação da colônia Porto Novo – atualmente municípios de Itapiranga/SC, São João do Oeste/SC e Tunápolis/SC – em 1926. Este projeto foi idealizado pela *Volksverein* (Sociedade União Popular), entidade fundada pelos padres Jesuítas. No início, a divulgação da colonização estava focada no estado vizinho do Rio Grande do Sul. Contudo, após uma crise no empreendimento da *Volksverein,* em 1932, a Colônia Porto Novo começou a receber os alemães vindos diretamente do continente Europeu, abrindo uma área específica para esse grupo na Linha Presidente Becker, instalando-se ali um núcleo fechado em si mesmo.

Palavras-chave: História regional; Imigrantes alemães; *Volksverein;* Linha Becker

Abstract: The present study approaches the formation of an ethnic group with German immigrants in the west of Santa Catarina, in the 1930s. Theoretically, the theme is approached from the perspective of regional history, which, from a view that evidences the specific, makes it possible to understand the particularities, contradictions and similarities of the region studied, as well as a new look at national studies. Subsequently, this work contextualizes the implantation of the colony Porto Novo - currently municipalities of Itapiranga / SC, São João do Oeste / SC and Tunápolis / SC – in 1926. This project was conceived by *Volksverein* (Sociedade União Popular), an entity founded by Jesuit Priests. At first, the spread of colonization was focused on the neighboring state of Rio Grande do Sul. However, after a crisis in the *Volksverein* business in 1932, Colonia Porto Novo began to welcome Germans directly from the European continent, opening a specific area for this group in the community of Linha Presidente Becker, installing a closed nucleus in itself.

Key words: Regional history; German immigrants; *Volksverein*; Linha Presidente Becker

* **MAIKEL GUSTAVO SCHNEIDER** é mestrando em História, na Universidade de Passo Fundo (RS).

Introdução

A obra de Fernand Braudel, publicada em 1949, intitulada *El Mediterráneo y el mundo del Mediterráneo en la época de Felipe II*, se transformou em parâmetro para os estudos regionais da segunda geração da Escola de Annalles, e desde então, inúmeros pesquisadores produziram estudos que carregam cunho regional.

A história regional se propõe como uma possibilidade para superar as visões fortemente centralizadas da historiografia nacional. Ela possibilita evidenciar o específico e abrigar as particularidades de cada região estudada. Além disso, ela pode ser vista como uma forma alternativa de estudo ante o possível esgotamento dos grandes temas.

Nesse sentido, discutiremos as bases analíticas da história regional, que servirão de fundamento para o estudo de uma pequena comunidade localizada no Extremo Oeste do estado catarinense, mais precisamente no município de Itapiranga/SC, chamada de Linha Presidente Becker.

Essa linha localiza-se dentro do projeto de colonização Porto Novo, fundado em 1926, na região Extremo Oeste do estado de Santa Catarina, planejado, organizado e promovido pela *Volksverein für die Deutschen Katholiken in Rio Grande do Sul* - Sociedade União Popular para Alemães Católicos no Rio Grande do Sul - fundada em 1912 pelos Jesuítas. Os habitantes dessa região eram colonos alemães católicos, formando uma comunidade alicerçada na homogeneidade étnica e religiosa, além do rígido controle social exercido pelo clero.

Contudo, conforme veremos, a partir de 1932, o projeto Porto Novo passou por acontecimentos peculiares, quando foi necessário viabilizar a vinda dos alemães de além-mar, a fim de ocuparem os lotes disponíveis, substituindo, em parte, a falta de colonos teuto-riograndenses. Esses novos personagens formaram um núcleo fechado em si mesmo e com características peculiares, chamado de Linha Presidente Becker.

História regional: recorte espacial do objeto de estudo

O estudo clássico de Van Young (1987) chama a atenção ao fato de que geralmente aqueles que trabalham com história regional não especificam o que entendem por região. Em prelúdio, a propagação da história regional coincidiu com o advento da Escola de Annales, uma vez que ela estabeleceu fronteiras interdisciplinares com a Demografia e Geografia. No que concerne ao Brasil, após 1970, as abordagens e enfoques na pesquisa regional ampliaram-se e foram conquistando novos adeptos aos estudos que estabelecem um recorte espacial como objeto.

Para os pesquisadores que optavam pela abordagem da história regional, ela "oferecia a possibilidade de comparação entre diferentes situações históricas, contribuindo para a produção de uma síntese, a nível macro-espacial, uma vez que cada região não poderia ser vista deslocada do todo em que se encontrava inserida" (VISCARDI, 1997, p. 85).

A sua origem encontra-se na oposição dos modelos que buscavam mostrar a homogeneidade de estruturas locais a partir de estudos gerais. Os estudos históricos no âmbito regional são "manifestações de um tempo que recusa as ditas concepções hegemônicas, tentando resguardar particularidades e especificidades locais como maneira de

confirmar ou refutar as grandes sínteses até agora impostas como válidas para todas as realidades históricas" (RECKZIEGEL, 1999, p. 21). Entretanto, a maior dificuldade dos estudiosos que encaravam esse modelo de pesquisa era a definição de região, uma vez que "no existe una región verdadera, sino tantas regiones como objetivos de estudio se tengan" (CHIARAMONTE, 2008, p. 7).

Com o decorrer dos anos, vários pesquisadores debruçaram-se em oferecer uma definição segura sobre região. Nesse sentido, encontramos o trabalho de Maria Rosa Carbonari, no qual a autora assevera que:

> cada región será entendida en su totalidad a través de los procesos de base material que resultan de la interaccíon entre el hombre y el medio que transforma lo natural construyendo uma "segunda naturaleza". El estudio de la región será, entonces, el de las relaciones constituidas históricamente entre ese sub-espacio y el contexto mayor que lo posibilita y da sentido. El espacio regional, no es, por tanto, un espacio fijo, sino un espacio social con conjuntos heterogéneos en continua interacción. Es testimonio del passado que actúa sobre el presente y condiciona el futuro (CARBORNARI, 2009, p. 28).

Para a autora, a região é concebida como resultado de múltiplas determinações, caracterizando-se através de uma natureza transformada por meio de diversas heranças culturais e materiais, além de uma estrutura social ali inserida. Ademais, a região pode ser vista como a realização de um processo histórico generalizado em um quadro territorial menor, onde o geral e o particular se combinam (CARBORNARI, 2009, p. 28). Na mesma linha, Milton Santos também observa essa influência entre o geral e o particular quando argumenta que "estudiar una región significa penetrar en un mar de relaciones, formas, funciones, organizaciones y estructuras, con sus más diversos niveles de interacción y contradicción" (SANTOS, 1996, p. 46).

Além disso, no entendimento de Janaina Amado (1990), podemos afirmar que a história regional proporciona novos olhares sobre os estudos de cunho nacional, apresentando questões fundamentais a partir de um ângulo que evidencia o particular e o específico.

Já na concepção de Alfredo Bolsi,

> ningún sistema es correcto, ninguno es errado. La región es uma generalizacíon geográfica y esa generalizacíon se realiza em términos de criterios que se seleccionan y tales criterios están en función de un problema estabelecido y objetivo. Existen entonces tantos sistemas regionales como problemas dignos de ser estudiados (BOLSI, 1992, p. 8 *apud* CHIARAMONTE, 2008, p. 8).

Assim, a cada novo problema desvendado pelos historiadores, podemos nos deparar com um novo recorte espacial, ou seja, com uma nova região delimitada a fim de melhor entendermos aquela área, seus habitantes e os processos sociais, culturais e históricos da nova região. Outrossim, os estudos regionais guardam sua importância ao analisarem espaços do território nacional que foram pouco pesquisados e estudados.

Por oportuno, imperioso analisarmos ainda o conceito de região nas palavras de Luigi Sturzo:

> El concepto de Región puede ser definido, en consecuencia, como un área homogénea que posee

> características físicas y culturales distintas de las áreas que la rodean. La Región forma parte del dominio nacional, pero mantiene un grado de conciencia que define a sus miembros como un grupo humano unitario, com un distintivo sentimento de identidade cultural (STURZO, 1947, p. 16 *apud* CHIARAMONTE, 2008, p. 10).

Essa definição deixa claro que a região possui uma personalidade própria, em que pese esteja ela inserida dentro de uma soberania nacional. Nesse contexto, seus membros estão introduzidos em um grupo unitário que carrega um sentimento de identidade cultural, além de diferenciar-se das áreas vizinhas.

Para o estudo aqui proposto, de uma pequena comunidade localizada no Extremo Oeste do estado catarinense, mais precisamente no Município de Itapiranga/SC, chamada de Linha Presidente Becker, esta definição mostra-se plenamente aplicável. Conforme veremos adiante, os moradores da colônia Porto Novo, que originou o município acima, formaram uma colonização homogênea exclusiva para teuto-brasileiros católicos. Inserida nesse contexto, a comunidade de Linha Presidente Becker possui novamente características peculiares em relação ao restante da colônia, não somente pela origem de seus membros, mas também pelas diferenças culturais e sociais dos moradores.

Diante de todo o exposto, percebe-se que a definição de região não envolve um termo imóvel, havendo múltiplas definições e compreensões. Outrossim, a história regional não deve atuar como uma comprovação do geral, tampouco ser uma hipótese para explicar o funcionamento global da sociedade. Contudo, "no podemos proponermos un estudio regional sin que se nos imponga al mismo tempo la interrogación sobre la naturaleza del conjunto en el que se integra (CHIARAMONTE, 2008, p. 20), ou seja, a região não pode ser analisada sem o conjunto onde ela encontra-se inserida.

Porto Novo: uma colônia teuto-católica no Extremo Oeste catarinense

Antes de adentrarmos especificamente no estudo da colônia étnica e religiosamente homogênea localizada no Extremo Oeste catarinense, imperioso localizá-la no espaço e no tempo.

A história de Porto Novo confunde-se com a história de trabalho e dedicação dos Jesuítas no sul do Brasil. Os Inacianos mantiveram três importantes projetos que continuam rendendo frutos ainda hoje: o Projeto Pastoral, responsável pela cura das almas e assistência espiritual; o Projeto Educacional, relacionado com a educação; e o Projeto Social, engajado em atividades relacionadas com o desenvolvimento econômico e social, além da promoção humana (RAMBO, 2011, p. 09).

Dentro do Projeto Social, podemos destacar a criação, em 1899, da Associação Rio-grandense de Agricultores, sendo um amplo projeto calcado no comprometimento mútuo, em que todas as iniciativas deveriam ser realizadas com base na participação solidária dos associados protestantes, italianos, poloneses, luso-brasileiro e todos demais que quisessem colaborar.

Contudo, após problemas internos, em 1912, a Associação Rio-grandense de Agricultores desdobrou-se em três ramificações, a saber: a "Sociedade União Popular" (*Volksverein*), dos teuto-católicos; a "Liga das Uniões Coloniais", dos teuto-protestantes; e a

"Associação Vitivinícola e as Cooperativas de Valorização do Leite", dos imigrantes italianos.

Nosso interesse repousa sobre a Sociedade União Popular, ou simplesmente *Volksverein*, um projeto étnico e confessionalmente direcionado exclusivamente para os teuto-brasileiros católicos. Entre as prioridades dos fundadores, estava a abertura de novas fronteiras de colonização, sendo que no primeiro esboço dos estatutos definitivos encontramos como a primeira área de atuação prática: "a preocupação com novas colonizações para católicos" (RAMBO, 2011, p. 255).

Neste cenário, em 1926, ano considerado como fundamental e decisivo para a colonização católica no Extremo Oeste de Santa Catarina, a Sociedade União Popular adquiriu os cem primeiros lotes coloniais de 25 hectares cada, da Empresa Chapecó-Peperi Ltda.[1], nascendo assim, a colônia Porto Novo e concretizando o sonho jesuítico: formar cristãos novos em comunidades orantes e socialmente perfeitas (EIDT, 2011).

É possível entender que o foco era formar uma colonização homogênea em termos linguísticos e religiosos. Ademais, Porto Novo não visava a especulação financeira, tampouco se caracterizou por ser um empreendimento comercial, seguindo um programa de colonização para católicos alemães.

Dessa forma, com o início da venda dos lotes, se privilegiou os descendentes de alemães de religião católica e dificultou-se o acesso à terra para colonos que não fossem dessa confissão e que não falassem esse idioma. Com essa triagem, objetivava-se a formação de uma comunidade étnica e religiosamente homogênea.

Após a aquisição da área inicial, a diretoria da Sociedade União Popular foi autorizada, pela reunião de delegados, a comprar mais 300 lotes que foram comercializados em pouco tempo.

E as compras dos lotes da empresa Chapecó-Peperi não cessaram. Em novembro de 1926, a Sociedade União Popular adquiriu mais 693 lotes para serem comercializados aos alemães católicos. A partir dessas negociações, já estava nos planos dos diretores da associação gerenciar todas as terras compreendidas entre o Rio Macuco e o Rio Peperi-Guaçu (NUNES, 2015). Fato este que se concretizou em 3 de março de 1928, em Serro Azul, na reunião de delegados da Sociedade União Popular, quando concluiu-se por dar carta branca à comissão de colonização e à diretoria para adquirirem tais lotes, ante a situação financeira que se encontrava a empresa Chapecó-Peperi e a ameaça de que a área poderia ser adquirida por italianos (NUNES, 2015).

Com a aquisição das terras e a demarcação dos lotes, a Sociedade União Popular intensificou as propagandas para divulgação do empreendimento, por meio de reuniões realizadas nas colônias rio-grandenses, de artigos, brochuras e de anúncios na imprensa.

> Os artigos sobre Porto Novo, publicados no DV [*Deutsches Volksblatt*] e no SPB [*Skt. Paulusblatt*], são de teor variado. Uns, relatam impressões de viagem. Outros, aventuras no Rio Uruguai

[1] Empresa com sede no Rio Grande do Sul, possuindo como área de atuação o Oeste do estado de Santa Catarina. Em 1919, a empresa adquiriu toda a área de terras entre os rios Chapecó e Peperi.

> ou excursões pelo interior da selva nativa. Há, porém, um outro tipo de artigo, onde se apresenta estudos sobre a potencialidade de uma colonização bem-sucedida no lugar. Nesta última espécie incluímos estudos e análises (solo, clima, relevo, condições de colocação da produção no mercado, estatísticas do número de habitantes, número e espécie de animais domésticos, número de veículos, etc.). A partir de 1927, também já apareceram no DV cartas enviadas pelos moradores de Porto Novo. As cartas relatam atividades de rotina dos pioneiros e acontecimento relacionados à agricultura (chuvas, secas, pragas, etc.), à sociedade (chegada de novos pioneiros, visitas ilustres, mortes, etc.) e ao desenvolvimento geral (instalação de serrarias, olarias, escolas, igrejas, etc.) (NUNES, 2015, p. 122-123).

Paralelo às propagandas, o esgotamento de terras no estado do Rio Grande do Sul estava colocando em cheque o trabalho e a existência de numerosas famílias que não encontravam mais lotes disponíveis para compra.

Portanto, cabe frisar que o processo de imigração para o Estado de Santa Catarina, em especial à colônia de Porto Novo, é fruto de dois fatores primordiais: colonização confessional e etnicamente fechada e o preço acessível para compra de terras.

Nas palavras de Maria Rohde, colonizadora de Porto Novo:

> A vinda de novos colonizadores era constante e assegurada. Mesmo durante os dias da revolução daquele ano [1930], chegavam novas famílias de Santa Cruz e de Colônia Selbach. Além das 52 famílias que imigraram nos primeiros meses do ano, chegaram, também, várias famílias teuto-romenas da Bessarábia, destacando-se como agricultores muito progressistas. Profissões e ofícios diversos já tinham seus representantes em nosso meio. Hotéis, olarias, serrarias e moinhos eram em número suficiente para atenderem à demanda (ROHDE, 2012, p. 148)

Conforme a comunidade crescia, o desejo de constituir uma comunidade cristã se realizava. A colônia era um espaço fechado e organizado pelos padres jesuítas, em meio à mata virgem, numa ausência quase total do Estado e suas instituições. Isso dava plenos poderes aos religiosos para a organização social na colonização. Além disso, Porto Novo passou a significar, nesta época, a opção mais concreta para compradores de terras, tanto para gerações mais jovens, quanto para pais e filhos que formavam numerosas famílias, "assim como também ganhava fama na pátria além-mar dos antepassados" (ROHDE, 2012, p. 166).

Enquanto isso, na Europa, o período entre guerras foi um dos mais difíceis e complicados vividos pela Alemanha. Este país estava passando por uma crise econômica séria. Muitas pessoas residentes nas cidades, conhecedores de um ofício, estavam desempregadas.

Diante desse cenário, por intermédio da *St. Rafaelsverein*, associação com sede em Hamburgo, na Alemanha, que atuava na assistência de migrantes alemães, bem como na sua instalação e adaptação no novo país, e da *Volksverein*, foi promovida a migração de inúmeros *Reichdeutsche* (alemães natos) para a colônia Porto Novo, a partir de 1932.

Dentre as atitudes tomadas pelos diretores da colônia a fim de facilitarem essa migração, podemos destacar a

abertura e demarcação de uma área de terra em Porto Novo, denominada Linha Presidente Becker, com o objetivo de abrigar os imigrantes alemães que buscavam em Porto Novo um refúgio para a crise alemã do entre-guerras (NUNES, 2015). "Partiu-se do pensamento de que, dessa forma, eles poderiam se adaptar mais rapidamente e não se sentiriam tão deslocados de seu mundo" (ROHDE, 2012, p. 169).

O núcleo de Linha Presidente Becker

A fundação de Linha Presidente Becker, em 13 de junho de 1934, representou um novo cenário dentro da colônia Porto Novo. Conforme destacado alhures, essa colônia já era caracterizada pela homogeneidade étnica e religiosa, e, a partir dessa data, implanta-se dentro da colonização de Porto Novo um núcleo que se diferencia do restante da colônia, reservada especialmente para os *Deutschländer*.

> Um perímetro recém demarcado da Linha Presidente Becker foi escolhido, pela beleza de sua paisagem e por ter terras de excelente qualidade, para receber os novos colonizadores, recém chegados da Alemanha, sendo que, poderiam assentar-se como um núcleo relativamente fechado em si mesmo. Partiu-se do pensamento de que, dessa forma, eles poderiam se adaptar mais rapidamente e não se sentiriam tão deslocados de seu mundo, porém, lhes foi dada plena liberdade de se estabelecerem em qualquer outra parte do território, o que muitos realmente fizeram (ROHDE, 2012, p. 168-169)

No que tange a essa nova área demarcada especialmente para os alemães natos e batizada de Linha Presidente Becker, em homenagem ao primeiro presidente da *Volksverein,* Jacob Becker, Leandro Mayer elucida:

> Qual a diferença da comunidade de Linha Presidente Becker com o restante da colônia Porto Novo? A diferença consiste na ocupação: as demais comunidades de Porto Novo receberam migrantes das colônias velhas do Rio Grande do Sul, principalmente – o que não quer dizer que não tenham recebido algum morador imigrante. Se receberam, foi em pequeno número, já a comunidade de Linha Presidente Becker praticamente concentrou os imigrantes alemães – aqueles vindos da Alemanha, em número superior de trinta famílias, que deixaram a Alemanha no contexto do pós-I Guerra Mundial (MAYER, 2016, p. 71).

Nesse trilhar, as propagandas vinculadas na Alemanha por meio da parceria firmada entre *St. Rafaelsverein* e *Volksverein* que acabavam por atrair os imigrantes para Linha Presidente Becker, aliadas aos problemas econômicos daquele país, bem como o medo de acontecer outro conflito armado e a possibilidade de manutenção das práticas socioculturais no núcleo fechado, foram decisivos para a vinda dos imigrantes alemães ao núcleo de Linha Presidente Becker, interior da colônia Porto Novo:

> A fusão de uma propaganda promissora com uma situação caótica na Alemanha acabava servindo de chamariz para aqueles que já haviam passado por uma guerra mundial e não pretendiam enfrentar uma outra guerra e as suas conseqüências. A família Dietz emigrou da região de Mecklenburgo para a Linha Presidente Becker atraída pela propaganda. De acordo com Maria Dietz, "eles não queriam mais participar de outra guerra, então fugiram, não queriam estar lá quando estourasse outra. O meu sogro havia participado de toda a

> Primeira Guerra e não queria mais participar de nenhuma outra" (NODARI, 2009, p. 54).

Contudo, no que tange a realidade vivenciada na colônia de Porto Novo, é sabido que muitos imigrantes oriundos da Alemanha e que foram assentados no núcleo da Linha Presidente Becker jamais haviam trabalhado com a terra, muito menos dominavam técnicas da agricultura e da pecuária. As famílias possuíam perfil de emigrantes urbanos, sendo "mineradores, usineiros, metalúrgicos, enfim profissionais distantes da agricultura" (JUNGBLUT, 2005, p. 133), e foram atraídos pela propaganda disseminada pela colonizadora *Volksverein*.

Além disso, a chegada à colônia Porto Novo não ocorreu com a receptividade que muitas imigrantes imaginavam. Nesse sentido, Roque Jungblut afirma que os alemães natos foram vítimas de "pegadinhas" e humilhações, ante seu desconhecimento com as técnicas de cultivo do solo.

> Em Porto Novo, foram vítimas de "pegadinhas" aplicadas sobre o desconhecimento dos *Deutschländer* no que dizia respeito às técnicas de cultivo. Assim são contadas trapalhadas que humilharam os imigrantes despejados nos confins da colônia Porto Novo. Ensinaram-lhe que a mandioca devia ser plantada com raízes a cerca de 30 cm de profundidade; que o amendoim daria fruto na folhagem e enquanto esse não aparecesse, deveriam aguardar; que fumeiro-bravo era madeira de lei, ótimo para construções... Afora exageros, a verdade é que os alemães passaram por privações, abandono, isolamento, pobreza, humilhações; demoraram para se adaptar ao clima tropical e lutaram por vários anos até que puderam sentir alguma recompensa pela dedicação dolorosa de emigrar para o Brasil (JUNGBLUT, 2005, p. 133)

Assim, somando o despreparo na agricultura, o clima diferente, o cultivo de plantações antes nunca vistas (amendoim, mandioca, cana-de-açúcar, batata-doce), a localização da área demarcada para a instalação desse núcleo (Linha Presidente Becker localiza-se na divisa com a Argentina), os atritos com os demais integrantes da colônia e a as promessas não cumpridas das propagandas vinculadas, tornaram difícil a adaptação dos alemães natos na colônia Porto Novo.

> Especialmente dura era a situação dos cerca de cem imigrantes do "Rech", que foram atraídos para dinamizar a colônia. Até para os colonos entre eles a adaptação foi incrivelmente difícil. Não se tratava apenas do clima a que não estavam habituados, também a adaptação com o restante da população resultou em atritos e mais atritos. Apesar da mesma origem étnica e da mesma língua, há entre eles os alemães e os descendentes de alemães uma diferença maior do que entre estes e os brasileiros originais. Quase um século e meio da história da Alemanha passou sem deixar vestígios nos descendentes dos imigrantes. Da velha herança alemã em contato com a nova pátria emergiu uma cultura própria, que ao alemão do "Reich" – assim são denominados pelos colonos os imigrantes recém-vindos das províncias da Alemanha – se afigura estranha e não poucas vezes é julgada atrasada (RAMBO; RABUSKE, 2004, p. 66).

Em virtude de todos esses desafios, muitas famílias de imigrantes alemães desistiram do trabalho com o solo, obrigando-se a novamente emigrar ou estabelecer-se em outras atividades.

A reportagem da edição 895 do Jornal *Força d'Oeste* é esclarecedora acerca das famílias que não se adaptaram na nova colônia, onde Estevão Wohlfart, filho de imigrantes, relata:

> Muitas [famílias], certamente mais de uma dezena retornaram ainda durante os anos 50 e 60 para a Alemanha. Teve aqueles que não se adaptaram, talvez, pelo fato de aqui todos terem que lidar na agricultura. Como muitos não eram agricultores na Alemanha, certamente nem todos conseguiram se adaptar na região, onde tudo ainda estava por se fazer e o sustento da família nem sempre era fácil (JORNAL FORÇA D'OESTE, edição 895, p. 04)

Ademais, os diretores da *Volksverein* e a própria colônia não estavam preparados para o recebimento dessas famílias vindas de além-mar. Pouco mais de seis anos haviam passado desde a compra dos primeiros lotes pela colonizadora quando já estabeleceram a parceria com a *St. Rafaelsverein* a fim de promoverem a vinda desses imigrantes alemães. Muitas propagandas vinculadas não condiziam com a realidade da colônia, além de faltarem estradas, escolas, hospitais e capelas.

É necessário compreendermos que esses imigrantes trouxeram em sua bagagem sonhos e expectativas que foram criados a partir dos anúncios e das informações que foram obtidas na Alemanha sobre o Brasil e, em especial, sobre a colônia dos alemães católicos no Extremo Oeste de Santa Catarina, idealizada pela *Volksverein*.

Além disso, a partir dos registros constantes nos livros paroquiais de Porto Novo, extrai-se que nem todas as informações eram repassadas aos alemães de além-mar:

> **17.09.1933 –** Carta do Ir. Francisco Gellermann ao P. Provincial P. Teodoro Treis sentiu a observação do Provincial para se dedicar aos alemães natos. Ele recebeu muito bem nove alemães quando chegaram. A estes se assusta dizendo que logo devem pagar uma soma à igreja. Isso esteve de início no contrato para a compra de terras. **A direção da colonização deveria ter falado sobre isso na hora da compra**. A outro disseram que teria de pagar soma muito alta na ocasião de batizar um filho. O senhor vindo da Alemanha foi informado desse pagamento da soma. Com razão alguém observou que os impostos do governo são muito mais altos (SPOHR, 2016, p. 52/53).
>
> **20.09.1933 –** Carta do P. Teodoro Treis ao Provincial. **Gostaria de saber donde vem a queixa de os alemães natos não serem atendidos devidamente. Isso se deve às circunstâncias: eles passam por aqui e vão para Linha Becker, no mato, onde ainda não existe capela**. Foi lhes dito que não precisam pagar contribuição para a igreja, que terão capela e escola própria, tudo em alemão, e também um padre da Alemanha. [...] Pede um irmão e um padre, este preferivelmente alemão para se dedicar aos alemães natos (SPOHR, 2016, p. 53/54).

Também se evidencia, a partir desses registros, um descontentamento por parte dos imigrantes alemães em relação à infraestrutura que encontraram na colônia Porto Novo, ao passo que externavam seu desejo de retornarem à terra natal:

> **"12.11.1933 –** Carta do coadjutor P. Ernesto Vosskühler ao P. Provincial. [...]. **Uns quantos alemães, se pudessem, voltariam para a Europa".** (SPOHR, 2016, p. 54).

> **"25.06.1934** – Carta do P. Ernesto Vosskühler ao P. Provincial. [...]. **Os alemães natos sentem estar no meio do mato, ao passo que na Alemanha tinha missa semanal"** (SPOHR, 2016, p. 56). (Grifos nossos)

Percebe-se a partir dos registros acima, constantes no livro diário dos jesuítas e livro tombo da paróquia São Pedro Canísio, de Porto Novo, que o núcleo de Linha Presidente Becker padecia de infraestrutura necessária para o recebimento desses imigrantes. Em que pese as promissoras propagandas divulgadas, a colonizadora ainda estava encontrando meios a fim de melhor assentar esses alemães natos na área que havia sido demarcada especialmente para eles. Enquanto que na Alemanha muitos conviviam com as comodidades da vida moderna, em Porto Novo encontraram desafios e privações.

Inúmeras foram as provas de fogo a que foram submetidos os alemães natos. Aprenderam a lidar com a mata virgem, o que para muitos parecia invencível, e dela conseguiram retirar as madeiras para a construção dos seus primeiros abrigos e, posteriormente, para as moradias, bem como seus primeiros alimentos. Os solos, que durante anos descansavam na penumbra das gigantescas árvores seculares e vegetação impenetrável, não decepcionaram, retribuindo com fartura e reduzindo a penúria e a escassez dos primeiros anos da colonização. A comunidade, constituída em uma célula fechada, baseada na confiança, honestidade e espírito de solidariedade, foi condição necessária para a sobrevivência do grupo. Pesadelos e noites mal dormidas foram aos poucos ficando no imaginário desses homens e mulheres que deixaram para trás sua pátria em busca do desconhecido. Porém, o retorno à terra natal continuou sendo o desejo e o sonho para a maioria desses imigrantes (SAYAD, 2000).

Assim, o núcleo fechado em si mesmo e com características peculiares das demais comunidades da colônia Porto Novo certamente foi o meio que esses alemães encontraram para sobreviver em meio aos desafios que a colonização representou, constituindo uma barreira para a manutenção do grupo a partir de práticas solidárias e ajuda mútua.

Considerações finais

Ao adentrarmos nessa região localizada no Extremo Oeste do estado catarinense, a fim de entendermos suas particularidades, contradições e semelhanças, não estamos, com isso, renunciando aos grandes temas. Em verdade, buscamos o entendimento das relações dessa região com o contexto maior, onde ela está inserida, e que possibilita sua existência e lhe dá sentido.

O espaço regional constituído pela colônia Porto Novo, onde destacou-se a homogeneidade, é um local formado a partir de valores étnicos e religiosos, conferindo uma identidade regional capaz de padronizar comportamentos e ações de seus membros.

Porto Novo se diferencia dos demais modelos de colonização, justamente por não apresentar cunho empresarial e ser direcionada exclusivamente para aqueles que apresentavam o perfil desejado pelos padres jesuítas: ser católico e alemão.

Nesse contexto, em que pese a comunidade de Linha Presidente Becker estar inserida na colônia Porto Novo, esta possui novamente características peculiares em relação ao restante da colônia, não somente pela origem de seus membros, mas também pelas diferenças culturais e sociais dos moradores, conforme demonstrado

alhures. Ela constitui-se de uma célula alemã dentro da colônia.

A formação de um núcleo fechado na Linha Presidente Becker foi condição necessária para a sobrevivência dos alemães natos em meio à floresta, em face da falta da infraestrutura que estavam habituados em seu país de origem. Certamente, esses imigrantes, atormentados e extasiados com doenças epidêmicas, tiveram de conjugar esforços que, necessariamente, passavam pela solidariedade horizontal e o envolvimento de todos.

A solidariedade constituiu uma blindagem contra a insegurança e a instabilidade e, em última instância, foi condição necessária para a sobrevivência do próprio tecido social. Presos ao mundo natural e linear, seus personagens encontraram um campo privilegiado para práticas coletivas, solidárias e coesas. Diante disso, os colonos se organizaram em torno da pequena propriedade de subsistência, utilizando a mão de obra familiar e intenso espírito comunitário com ampliação e aprofundamento de valores, como igualdade e solidariedade.

Referências

AMADO, Janaína. História e região: reconhecendo e construindo espaços. In: SILVA, Marcos A. (coord.). *República em migalhas:* história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

AMSTAD, Theodor. *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul-1824-1924*. São Leopoldo: Ed. da Unisinos, 1999.

CHIARAMONTE, José Carlos. Sobre el uso historiografico del concepto de región. *Estudios Sociales*, ano XVIII, n. 35. Santa Fé, Universidad Nacional del Litoral, segundo semestre de 2008, p. 7−21

CARBONARI, Maria Rosa. Como explicar la región sin perderse en el intento. Repasando y repensando la História Regional. **História Unisinos**. São Leopoldo, v. 13, nº 1, jan./abr. 2009, p. 19-34.

CHIARAMONTE, José Carlos. Sobre el uso historiografico del concepto de región. **Estudios Sociales**, ano XVIII, n. 35. Santa Fé, Universidad Nacional del Litoral, segundo semestre de 2008, p. 7−21.

EIDT, Paulino. SILVA, Edinaldo Enoque. **Porto Novo**: do reino religioso ao poder de mercado. Curitiba: CRV, 2011.

JUNGBLUT, Roque. **Porto Novo:** um documentário histórico. Itapiranga: Edições SEI – FAI, 2005.

MAYER, Leandro. **"O triste fim de Anton Kliemann"**: a campanha de nacionalização e seus desdobramentos no oeste de Santa Catarina. Passo Fundo: Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em História da Universidade de Passo Fundo, 2016.

NEUMANN, Rosane Marcia. Porto Novo: a Canaã dos colonos e imigrantes alemães católicos na década de 1920. In: FRANZEN, Douglas Orestes; MAYER, Leandro (Orgs.). **Porto Novo 90 anos:** perspectivas históricas e contemporâneas. São Leopoldo: Oikos, 2016. P. 36–48.

NODARI, Eunice Sueli. **A dor do esquecimento**: as marcas da ditadura Vargas no Oeste de Santa Catarina. Florianópolis: História Oral, v. 12, n. 1-2, p. 157-176, jan.-dez., 2009.

_____. **Etnicidades renegociadas**: práticas socioculturais no oeste de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2009.

NUNES, Maria Zilles Magno. **O começo de Porto Novo**: uma colônia para teuto-católicos no processo de expansão colonial no sul brasileiro (1912-1933). Porto Alegre: Gráfica e Editora RJR, 2015.

PIAZZA, Walter Fernando. **A colonização de Santa Catarina**. Porto Alegre: Pallotti, 1982.

RAMBO, Arthur Blásio. **Somando Forças:** o projeto social dos jesuítas do Sul do Brasil. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2011

_____; RABUSKE SJ, Pe. Arthur. **Pe João Evangelista Rick, SJ**: cientista, colonizador, apóstolo social, professor. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. História regional: dimensões teórico-conceituais. In: **História:** debates e tendências. Passo Fundo: Ediupf, v. 1, 1999, p. 15-23.

ROHDE, Maria W. **Espírito Pioneiro**: a herança dos antepassados. Itapiranga: Gráfica e Editora Porto Novo, 2012.

SANTOS, MILTON. **Metamorfosis del espacio habitado**. Barcelona: Oikos, 1996.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. In: **Travessia Especial**, Janeiro, 2000, p. 07-32.

SPOHR, P. Inácio. **História das casas:** um resgate histórico dos jesuítas no sul do Brasil – Paróquia São Pedro Canísio – Itapiranga/SC. Porto Alegre: Padre Reus, 2016.

STURZO, L. La regione nella nazione. Roma. 1947. In: CHIARAMONTE, José Carlos. Sobre el uso historiografico del concepto de región. **Estudios Sociales**, ano XVIII, n. 35. Santa Fé, Universidad Nacional del Litoral, segundo semestre de 2008, p. 7−21.

VAN YOUNG, E. Haciendo historia regional: consideraciones metodológicas y teóricas. **Anuarios IEHS**, 1987, p. 255-300.

VISCARDI, Claudia. História, região e poder: a busca de interfaces metodológicas. **Locus: revista de História**. Juiz de Fora, v. 3, nº 1, 1997, p. 84-97.

WERLE, André Carlos. **O reino jesuítico germânico nas margens do Rio Uruguai:** aspectos da formação da colônia Porto Novo (Itapiranga). Florianópolis: Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

_____. **Porto Novo**: o reino jesuítico germânico no oeste de Santa Catarina. Curitiba: CRV, 2011.

Recebido em 2017-09-27
Publicado em 2017-12-05